

DOIS OFÍCIOS

(Anomar Danúbio Vieira/André Teixeira)

Tropa encordoada... ponta, culatra e fiador,
Sombreiro grande, poncho emalado nos tentos,
Pala de seda pra esses dias mormacentos
De pouco vento e “abatimados” de calor.

Gado, potrada e algum capão pra consumo
Andam no rumo que o destino me apontou,
Que o Patrão velho me proteja e me conserve
E o resto eu leve, como meu pai já levou!

Alma estirada, quais as tropas vida a fora,
Gastando esporas, cruzando de um lado a outro,
Cumprindo sempre o que foi dito e ajustado,
Bocal sovado de costear queixo de potro.

Eu sou tropeiro e domador com muito orgulho,
Sendo barulho, sou silêncio ao mesmo tempo
Foi nas estradas que forjei meus dois ofícios,
Meus compromissos, valor e temperamento.

Ser um tropeiro é algo mais que profissão
É uma missão, legado e conhecimento,
Ser domador é devoção e sentimento
Atado ao tento que arrocina o redomão.

Fiz das lonjuras, minha morada, “paradouro”,
Pra matadouro, pra outros pagos, levo tropa
E enquanto isso... sigo fazendo cavalos
Pois educá-los é a obrigação que me toca.

Me deem licença que outra tropa me precisa
A mesma brisa, o mesmo sol, mas outro rumo,
Que estendo a lida, tentando a sorte aporreada,
Gado, potrada e algum capão pra consumo...!

Poeira de Parador

(Sérgio Carvalho Pereira/André Teixeira)

Foi quando o laço arrastado
voltou em rodilhas pros tentos,
que aquela nuvem de poeira
subiu na manhã sem vento.
No quadro que se pintou,
quando baixou a cortina,
parte da terra voltou,
parte ficou na retina.

Visão de campo embaçada
de terra e de sentimento.
Não é o pó das estradas,
nem polvadeira de vento.
É poeira de parador,
é uma paisagem por dentro.
Da terra é o carnal e a flor,
oreando ao sol do meu tempo.

Por algo que o gado antigo,
que abriu os primeiros rastros,
fez deste alto um abrigo
virando a terra nos cascos.
Depois vieram “los gauchos”,
a pedra, o ferro, o calor.
E ali não subiu mais pasto,
só poeira de parador.

Um touro que escarva a terra
pra outro desafiador.
E o encontrão das aspas
retumba no parador.
Sobe o som na polvadeira,
pro céu que muda de cor.
Quem respirou dessa poeira
a enxerga por onde for.

Esse é o templo primitivo,
sem torre, sem catedral,
onde o ritual mais antigo
queima nas pedras de sal.
Tremor de sovêu sinchando,
toruno juntando as mãos,
com incensos fumaceando
da terra que deixa o chão.

No quadro que se pintou,
quando baixou a cortina,
parte da terra voltou,
parte ficou lá por cima.

ESTÂNCIA

(Rogério Villagran/André Teixeira)

Canto de flecos e esporas,
Se perdem pelo galpão,
E o amargo do chimarrão,
Tem gosto doce, de aurora,
E pelo potreiro à fora,
O mensal “recolhedor”,
Como se fosse um clamor,
Vem levantando a tropilha,
E apaga uma estrela que brilha,
No estalo do arreiador...

Aromas da madrugada,
Cheiro de pêlos e arreios...
Trinam barbelas de freios,
Cimbram cordas sovadas...
Um tirão na carne assada,
Pra garantir o compasso
Porque o tempo fica escasso
E o grito que estende a forma
É o que dá sentido as normas
Junto à presilha do laço...

Assim a estância desperta,
Revelando a sua magia,
Se moldando a luz do dia,
Que num upa, a cincha aperta,
Um quero-quero de alerta,
No “acouo” da cahorrada,
Que festejando a peonada,
Saem junto no entreveiro,
Qual escolta do campeiro,
Rumo a um fundo de invernada,

É sempre o mesmo balanço,
Rodeios, rebanhos, tropilhas,
Obrigação de quem encilha,
Do caborteiro ao mais manso,
Conheço as cordas que tranço,
Porque aqui, sabemos bem,
Nunca falta ou sobra alguém,
Quando um mandamento atrai,
“Aqui, quem tem poncho vai,
E quem não tem, vai também!...”

Seja de campo ou mangueira,
Tanto a cavalo ou de a pé,
A lida sabe quem é,
Os que se fazem tronqueiras,
Homens curtidos da poeira,
Têmperas que a geada molda,
Aço que o tempo solda,
E a terra sustenta o viço,
Quando a rudes do serviço,
De fundamentos se tolda,

Ser peão de campo é assim,
Cada um tem seu costado,
Coxilha, várzea ou banhado,
Largas distancias, sem fim,
Por onde ecoa o clarim,
De um grito que se levanta,
Sonoridade que encanta,
Repontando o bicharedo,
E libertando os segredos,
Que o mensal traz na garganta.

A estância se manifesta,
Pelo manejo conjunto,
Acolherando os assuntos,
Entre o que falta e o que resta,
Onde quem se justa, empresta,
Sua vasta sabedoria,
Se empenhando dia a dia,
Sol a sol, ou tempo feio,
Pois o homem dos arreios,
Aqui tem grande valia.

É o vai e vem da função,
Da cozinheira ao domeiro,
Do alambrador ao caseiro,
Do capataz ao peão,
Entropilhados na união,
Que dá requinte a importância,
Dos que embusalam esta ânsia
Junto ao clamor do ritual,
Que orgulha o peão mensal
Ter em si, alma de estância.

SOMBRAS QUE VIVEM

(Jayme Caetano Braun/Juliano Gomes/Ricardo Comassetto)

Quando eu encontro estendida
No meio do capim ralo
A sombra que foi cavalo
Hoje em completo abandono
Sem um amigo, sem dono,
Por Deus, que sinto um abalo.

Na direção da querência
Tenho a cabeça voltada
E uma lágrima enredada
Nos olhos tremeluzindo
Como uma estrela saindo
Na silente madrugada.

De certo algum pingo nobre
Desgarrado na peleia
Que sofrendo cambaleia
E tantas penas reflete
Bota nas rédeas meu flete
E a tristeza me esporeia.

Nem o índio mais cansado
Que muito tenha sofrido,
Pode abafar um gemido
Ao ver em tal decadência
Um outro irmão da querência
Que traga o tempo vencido.

Quanto a mim sinto a tristeza
Que vem troteando na frente
A saltar me de repente
E aborrecido me calo
Pois que a sina do cavalo
É semelhante da gente.

Quando o paisano abre os olhos
Já tornou se a mocidade
Tapera que o mato invade
Da qual só resta um esteio
Já se partindo no meio
Que a gente chama: saudade!

VALTER RIO GRANDE PRESTE

(Rafael Miranda Machado/André Teixeira)

Tá *inscrito* nos *documento*:
- Valter Rio Grande Preste.
Mais que isso não carece
por exemplo, nascimento.
De lá pra cá, tempo adentro,
todo o pago me conhece!

Se não ando num tordilho
ando a cavalo num mouro
bem servido de cachorro
pra'oriço, ovelha e zorrilho.

Ajudam, mas muito *poco*...
Cruzam as *noite* latindo
depois se fazem de *loco*
pra *passá* o dia dormindo!

Desde moço, muito moço,
só uso *brusa* encarnada;
manga comprida'e'abotoada
até o fruto do pescoço.

Assim que juntei *dinhero*
mandei *pôr oro* nos *dente*;
apenas nos dois da frente...
- Nunca gostei de exagero!

Animei muito fandango
- chão batido, chão de grama -
até me abraçar *co'a* fama
cantando milonga e tango.

Milongas do Guarani
- filosofias, peleias -
tangos do Ciro Correia
“... *Ai Sueli, ai Sueli!*”

Um tiro em briga de jogo,
mais três picada de cobra
e duas praga de sogra
que pra *desfazê* foi fogo.
- Se são sete vida ao todo
inda tenho uma de sobra!

Canto forte, não *me'encolho*,
às vezes com força tanta
que me *vesgueio d'um* olho,
saltam veias da garganta!

Jeito regula e parece
não mudo mais até o fim.
- Sô Valter Rio Grande Preste,
canto a terra de onde vim!

VIEJITO

(Evair Suarez Gomez/Juliano Gomes)

Por mais que pesem minhas tavas
E insistam bolcar de “culo”
Amanhã encilho o mulo
E por supuesto que me vou...

Por mais que pesem minhas tavas
E insistam bolcar de “culo”
Vou campear de volta o rumo
Atrás do que se apartou

Levo uma tesoura afiada
Pra causo topar uma esquila
Vinte palhas, bem sovadas
Que tirei de duas espigas
Meia dúzia de bolacha
Uma paleta pra consumo
Uma canha com arruda
Dois “paquetito” de fumo

- Me deu saudade minha véia -
Hoje aqui, frente da estufa
Se estaqueou um lagrimão
No palanque de uma ruga

Andam pesando minhas tavas
Com ganas de botar “culo”
Amanha me vou, me vou...
Com algumas tralhas e o mulo

Levo uma tesoura afiada
Pra causo topar uma esquila
Amanha me vou, me vou...
Passo y tranco ao clarear o dia
Levo um potranco alazão
Pra arrocinar pras gurias
Amanha me vou, me vou
Passo y tranco ao clarear o dia

ASSOVIO

(Adriano Silva Alves/André Teixeira)

Sou eu na boca dos ventos
Chamando a voz das auroras
Sou eu assim, campo a fora
Sou eu nal'gum corredor,
Nos flecos dum tirador
Nas luas de um par de esporas.

Sou eu na boca dum laço
Na mão dum índio campeiro
Sou eu, parando rodeio;
Nal'gum rincão de invernada,
No céu de uma campereada,
Na sombra dos ovelheiros.

Sou eu na boca da aguada
Matando a sede do pingo
Sou eu, num costume antigo,
Da minha gente campeira
Numa reunião de carreira
Floreando o olhar dum domingo.

Sou eu na boca encordoada
Duma guitarra na rima
Sou eu, vaneira genuína
No idioma de algum galpão
No pulsar de algum bordão
Que espera o golpe da prima.

Sou eu na boca do campo
Na boca dum corredor
Sou eu, na voz dum cantor;
Sou eu num canto primeiro
Na boca de algum campeiro
Num vento assoviador...

AIRUMÃ

(Adriano Silva Alves/Marcelo Oliveira/André Teixeira)

Dorme em teu rosto um encanto
Das noites que vivem em ti;
Segredos de alma morena,
Olhos de céu, Guarany...

Lágrimas puras de orvalho
Que se derramam inteiras;
Na forma das madrugadas,
Que abrigam sonhos de estrelas.

Que se repetem em suas horas,
Em alvas peles vestidas;
Sopros de luz, solitários,
Clareando escuros na vida.

Dorme em teu rosto um encanto
Antes do véu das manhãs;
D'álva de um céu Guarany,
Que a voz batiza "Airumã".

Índia saudade morena
Que as vezes chora sua cor
Ilusões de mato e sanga,
Aromas de campo e flor.

Que antes das luas inteiras
Dessas de forma prateada;
Vem só, olhar-se vaidosa,
No espelho de alguma aguada.

Onde se vê noutro encanto,
Na vida, de antes daqui;
"Airumã", pequena D'álva
Estrela de um Guarany.

LARGANDO

(Leonardo Borges/André Teixeira)

Escarva com a mão o baio
No pelado do palanque,
Pala e arreio ao semblante:
- cogote duro de graxa...
A pampa guapa se acha
No centro das minhas retinas,
Um rancho de cola e crina
Pra um morador de bombacha!

Me disse o negro Merêncio
Que hay peña lá na lagoa,
Por isso o lenço que voa
Flameando seda em azul;
Judiado dos paysandú
O corpo encontra descanso
Na canha doce ao balanço
Que lhe emprestam os guabijus!

O sul impõe o sentido
Cruzando os campos da estância,
No vento surge a fragrância
Da primavera que aflora;
Canta a roseta da espora
Num tablado de coxilha:
- é a alma pampa em vigília
Que me segue mundo a fora...

No cacho um nó bem atado
De amadrinhar companheiro
Não se luzindo aos matreiros
Penduro abaixo das talas...
Um verso trago no pala
E duas flores bordadas
Que se me topa a bailada
Já economizo na fala!

De bolicheiro o Amarante
Forma um tapete de tampas
Na copa que se levanta
Quinchada de lona preta
Em peña não hay livreta
Pra peão que chega da volta
E o bicharedo se solta
Quando apeiam das carretas.

Guitarra e gaita sonando
Atorando a noite pampa
A tourada bate guampa
Se acomodando na copa,
Quem chora menos se bota
Num baile em riba do anone:
- Uma mulher pra dez home
É mais ou menos a cota

OLVIDADO

(Lisandro Amaral/André Teixeira)

Sou fruto de pampa largo...
Que enraizou-se nos ventos...
E a larga tira de tento
identifica o que trago:
flecões de tempo onde vago
de vida em vida e o meu grito
ardente fogo descrito
no sangue vivo olvidado
do índio que foi soldado
e o "gaucho" que é tempo escrito.

Imperfeições dos embates
Me refizeram luzeiro,
Couro de potro ao sombrero
- meu toldo índio em combate –
Dois corações ainda batem
Se a bota pulsa no estrivo
Sangrando velhos motivos
Talvez em última vinda?
Sou terra verde que ainda
Reclama a sorte dos vivos...

O tempo passa e eu não mudo
No interior do meu pranto
Pela derrota do santo
Que trouxe raça no escudo.
Renasço perdendo tudo:
Tolderia e firmamento...
Do ñandubay que em lamento
Me ofertou cerne e resina
Eu aceitei carma e sina
E vivo a vida dos ventos...

E por ser terra me impardo
Aos que perderam comigo
Irmão do irmão "inimigo"
Que então cumpriu seu encargo.
Sou fruto de pampa largo
Que enraizou-se nos ventos
E o queixo atado com tento
Do redomão simboliza
Que eu sou gaúcho que avisa
A extinção do meu tempo

Me saltam garras de tempo
- afiados sabres da história -
Nas inversões dessas glórias
Que andei vagando entre o vento
Me reforçou o relento
Sem medo a terra me espera
Feito a genuína tapera
Que é nosso lar de descanso
Eu - finalmente - me amanso
Morrendo o índio que eu era.

PONCHITO

(Xirú Antunes/André Teixeira)

Ah... meu sol de madrugada!
Quando rastreando orvalho,
Saía contigo boleado no mais
E bem “gaucho” repontava a cavalhada.

Ponchito meu companheiro,
Trompador das invernias,
Color cinza envelhecido,
Minha coberta farroupilha.

Contigo nunca melei
Lichiguana a campo fora,
Nem nunca morde de espora
Tua franjita gaúcha.

E em tropa larga, cuê pucha,
Numa tormenta aragana,
Entre tua lã e a badana,
Meu rancho de alma charrua.

E quando o sol esquentava,
Nas manhãs de algum outono,
Coava tropa em porteira,
Te abanando qual um mango.

Ponchito de color cinza,
Meu atavismo crioulo,
Regalo de Don Barboza,
A quem dedico este canto.

SANGUE DE BOI

(Adriano Silva Alves/André Teixeira)

Pousa só a rubra imagem
Junto ao moerão da porteira;
Motivo que “indagam” os olhos,
Na humilde face campeira...

Quem sabe o “instinto” do aço
Na mão que conhece a dor;
E guiou o “olhar” da faca
No rumo de um sangrador.

Quem sabe o negro de um poncho,
Abertas “asas” do avesso...
No instante de alguma vida
Retornando ao seu começo.

Rubro silêncio na imagem...
Que ronda o céu de outra vida;
Por compreender nas chegadas
Um novo “olhar” das partidas.

“Asas” de um poncho ao avesso
Sangrando um vôo de quem foi;
Num peito, “carnal” que pulsa,
A alma em sangue de um boi...

Quem sabe um sol “coloriando”
Num “missal” pra um fim de dia;
Pra noite compor seus rumos
De lua, estrela e poesia...

Quem sabe o sangue “semente”...
Verdade em sal, de algum pranto;
Que reescreve um destino
No “livro” aberto do campo.

Refaz seu vôo, rubra imagem.
Deixando o moerão da porteira;
Motivo que “nubla” os olhos
Na humilde face campeira...

FLOREADITA

(Rogério Villagran/André Teixeira)

Me encontrei com a chamarrita
Que vinha no corredor,
No florear duma coplita,
Dum tranquito assoviador.

Cruzou de chapéu tapeado
Batendo espora e barbela,
Em direção do povoado,
No rumo do rancho dela...

Chamarrita! Chamarrita!
Canta aqui um peão destes fundos,
Pra chinoca mais bonita
Que Deus fez e pôs no mundo...

Fiz um laço de bom porte
Do couro dum boi polaco.
Pra pialá potro deu forte,
Pra laçá china deu fraco.

Então me disse a bendita,
Que pra não arrebenhá
Tem que ser trança de fita
Que costeia no golpiá...

Chamarrita! Chamarrita!
Canta aqui um índio teatino,
Pra mais doce paisanita
Que pealou o meu destino...

Tenho um lobuno bragado
Pra apartá briga de touro
E um zaino destopeteado,
Pra os domingos de namoro.

Qual dos dois mais altaneiro
Quando um quero-quero grita,
Anunciando no potreiro
Que vem vindo a chamarrita.

Chamarrita! Chamarrita!
Assim canta um domador,
Pra aquela que mais palpita
No peito deste cantor.

Yo traigo del capataz
El sentir de los camperos
Del peón esos añelos
De andar abriendo tranqueras
Pa' que crucen los recuerdos
En las noches galponeras
Canciones de patrias viejas
Que trae el viento pampero

Conservo cosas antiguas
Como extensiones del alma
Poncho-patria, nazarenas
Recao', sombrero, vigüela...
Tesoros que son sencillos
Lucecitas que reflejan
Una vida que se aleja
Pero no pierde su brillo

Aprendi con los mayores
Las enseñanzas del campo
Hay tantos que tienen tanto
Y casi todo les falta
La vida más olvidada
Siempre tiene su sentido
Y a veces quien poco tiene
Por dentro es mucho más rico

Si preguntaren quien soy
Digo que soy lo que canto
Y al cantar vivo opinando
Pa' no perderme jamás
Criolla sangre del tiempo
Que corre libre en mis venas
Pues no han inventao' cadenas
Pa' quien nació: ... tierra adentro!

Por eso llevo estas coplas
- Memoria contra el olvido -
Pa' que mi raza amerindia
Vuelva a cruzar los caminos
En el cantar de esa gente
Que es mi razón y destino
Y pa' que el saber de los padres
Siga en la voz de sus hijos.

Yo soy el grito del tero
En las llanuras del pampa
Yo soy el gaucho que canta
En viejos patios de tierra
Criolla sangre del tiempo
Que corre libre en mis venas
Pues no han inventao' cadenas
Pa' quien nació: ... tierra adentro!

De quem se achega

(Cláudio Silveira/André Teixeira)

Foi o silêncio da imagem
Dos teus traços e cores,
Que veio falar de amores
Perdidos no próprio tempo...
Pois o quadro que contemplo
Retém um clarão maduro
E o simbolismo mais puro
De um valor que restou;
Qual luz que não se apagou
Pra vir brilhar no futuro.

Guarda uma réstia no rosto
De um misto índio - espanhol,
E na tez crismada de sol
Algum feitiço moreno...
Se hoje pensando te aceno
Mesmo sem saber direito,
Se o coração em teu peito
Já se fez rancho e morada;
É porque ando na estrada
Campeando ao tranco teu jeito...

Te quiero si ya lo creo,
Princesa moura - xirua!
Teu riso de meia lua,
Lumando o breu dos anseios;
Meus sonhos e devaneios
Por serenatas *nocheras*...
Quando te canto trigueira,
Lejano e solo mi hiberno,
Pulsando a alma de cerno
De uma guitarra campeira...

Se sonho em matear contigo
Tal se estivesse em outra vida,
A m'ia boca ressequida
Desperta inquieta pro dia...
Silba tristes melodias
Que se perdem no relento,
Menos copla e mais lamento
De quem tem sonho distante...
E talvez já ande errante
Na ânsia de achar alento...

Perdoa os sonhos morena
Que hoje canto sem vaidade
Ou então torna verdade
As quimeras que ajoujei...
E se a ti me acheguei,
Foi pra que compreendas bem
Este meu desejo além
De amar e de viver,
De um vago que sonha ter
Mas ainda não tem ninguém.

